

AS MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, RESISTÊNCIA E AFRICANIDADE

Luci Maria da Silva¹

RESUMO: Luci Maria da Silva¹ RESUMO: Este artigo visa analisar as representações das mulheres negras na sociedade, para fazer a fundamentação teórica utilizamos a revisão da literatura acerca do referido tema. Nesse sentido, apresentamos um breve panorama do contexto histórico da época da escravidão com base nas seguintes fontes: Alves (S.D.), Diener (2012), Dias (1984), Freyre (1998), IBGE (2016), Leite (1984), Lobato (1937), Motta (1988), Quintas (2009), e Theodoro (1996), com o objetivo de proporcionar os debates acerca da necessidade de demonstrar como a escravidão deixou o estereótipo enfático da sexualidade das mulheres negras que perpassou até os dias atuais através das memórias. Em seguida, as premissas do sexismo e do racismo são descritas por diversos autores: Daves (2016), Alves (S.D.), Giacomini (1988), Mott (1988), Debret (2020) e Ribeiro (1989), os quais foram os responsáveis por estabelecer uma visão ampla da trajetória desfavorável em relação às mulheres não-brancas e, que acarretou a discussão entre muitos estudiosos do assunto, mostrando a resistência social dessas pessoas e seus paradigmas que destacam a africanidade. Portanto, para chegar ao objetivo proposto fizemos uma investigação a partir de uma metodologia com abordagem qualitativa.

Palavras- Chave: Mulheres Negras. Racismo. Sexualidade. Sexismo. African

As primeiras mulheres escravizadas que chegaram ao Brasil colonial vieram acorrentadas como se fossem carga de segunda categoria, em porões de navios tumbeiros, escuros e mal ventilados e, quando se alimentavam eram de sobras dos marinheiros - os restos de feijão, peixe, farinha e sogro. Em terra firme as pessoas escravizadas eram vendidas, e a peça feminina servia para uma imensidão de situações, nas casas-grandes em cozinhas construídas pelos portugueses, embaixo de “puxados”, por exemplo, cozinhavam para abastecer as necessidades alimentares dos patrões - os senhores de engenho e, o que restava das refeições serviam-lhes como alimento. Esse fato se perpetuou por séculos e, estará contido no referencial teórico desta pesquisa, tendo em vista que, há uma extensa literatura a respeito da escravidão. A história descreve o cotidiano dos engenhos, locais para onde geralmente eram levadas as mulheres trazidas para a escravatura que, sobretudo, fossem as mais limpas, bonitas e fortes. Elas faziam todos os serviços da casa: limpavam, arrumavam, lavavam, passavam e costuravam as roupas; além disso, ajudavam as patroas brancas a tomarem banho e se vestirem, somando

¹ Pedagoga, Especialista em Administração e Gestão Escolar pela UFPE, Mestra em Políticas Educacionais pela UFPB.

a isso tudo, cuidavam das crianças brancas - tendo muitas vezes que deixarem seus filhos de lado, porque também eram amas de leite, pois as senhoras de posse não davam aos incômodos da amamentação nem das trocas de fraldas sujas de suas crianças. Porém, aos senhores de engenho, além dos serviços prestados, também estavam obrigadas a se deitarem com os senhores de engenho, em suas camas, ou mesmo nas senzalas e, nos matos/plantações.

Esse contexto se perpetuou por longos anos no território brasileiro e em outros lugares onde ocorreu a escravatura. Nos Estados Unidos, os relatos de Angela Davis é uma das obras contempladas aqui. Contudo, as pinturas de Debret e Rugendas foram de suma importância para demonstrar o cotidiano dos fatores que tiveram um efeito catastrófico na vida das mulheres mantidas como escrava tanto no período escravocrata quanto para as mulheres negras, pretas, pardas e afrodescendentes ou afro-brasileiras que estão vivendo na atualidade, as quais têm que se livrar das imagens preconcebidas como o mito da Tia Nastácia - aquela cozinheira do Sítio do Pica Pau Amarelo do livro de Monteiro Lobato, são os destaques das discussões dentro de um olhar que tem múltiplas interfaces. Para início de conversa, eram nos navios negreiros os lugares em que não havia discriminação de gênero - as mulheres, crianças e os homens ficavam amontoados, muitas vezes, juntos e misturados, estavam os vivos acorrentados e os mortos em decomposição, observe a pintura de Rugendas:

FIGURA 1 - “ Navio Negreiro”, pintado por Rugendas



Fonte: DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. **Rugendas e o Brasil: Obra Completa.** Ed. Capivara: Rio de Janeiro, 2012.

Faz-se necessário lembrar e não esquecer que, no Brasil as mulheres sempre estiveram e estão trabalhando em diversos postos de trabalho, porém, a remuneração fica abaixo do que recebem os homens, e nesse patamar de baixos salários estão as mulheres negras, pretas, pardas e afrodescendentes. A imagem da escravidão de pessoas do sexo feminino é uma representação cruel, resultante de diferentes interpretações. Na pintura é possível perceber que as mães com crianças pequenas penduradas em seus peitos, incapazes de dar as suas filhas e aos seus filhos os ingredientes necessários para que a sobrevivência seja efetiva. Uma das características marcantes da sociedade brasileira no período da colônia foi a fundamentação de uma economia manufatureira, patriarcal e ruralista de grandes propriedades que estava voltada para a mão de obra, especificamente, de pessoas escravizadas (ROMANELLI, 1978, p. 23), esses fatores tiveram implicações de ordem social e política. Pensando neste contexto, o poeta Castro Alves escreveu o poema “O Navio Negreiro”, leia o que diz uma das partes:

PARTE IV

[...] Negras mulheres, suspendendo às tetas.
Magras crianças, cujas bocas pretas.
Rega o sangue das mães.
Outras moças, mas nuas e espantadas.
No turbilhão de espectros arrastadas.
Em ânsia e mágoa vãs! [...].
(ALVES, s.d.; CANDIDO, 2007).

A quarta parte da poesia acima, é composta por seis estrofes, que relatam as cenas desumanas a que eram submetidas as pessoas escravizadas, principalmente, as mulheres submetidas e trazidas à força da África para o Brasil, aqui expostas padeciam a uma imensidão de dissabor.

Ao chegarem aos portos, as pessoas transportadas pelo tráfico negreiro passavam por uma quarentena, recebiam tratamento médico e um farnel chamado de carapel - preparado com milho fresco ou assado, farinha de mandioca, frutas para combater o mal de Luanda (escorbuto) e tabaco para prevenir malária, estimular a circulação - porque acreditava-se naquela época proteger os pulmões².

Após cumprirem a quarentena todos vindos do continente africano, incluindo as mulheres seguiam para os lugares de venda, nesses locais eram negociadas e vendidas

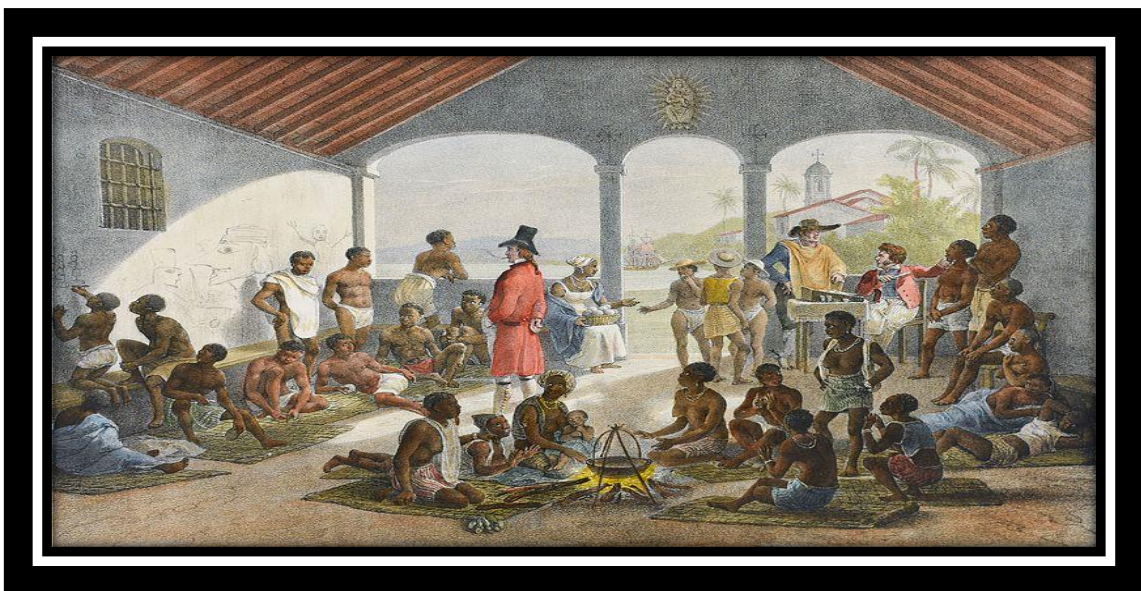
² Fonte: Jornal Folha de Pernambuco. **A chegada da Escravidão**. Sessão de Sabores, Sábado/Domingo, 9 e 10 de junho de 2018.

pelos grandes comerciantes de escravos(os), um negócio lucrativo, sobretudo, para os judeus, que atuavam em Recife e residiam na Rua do Bom Jesus em Pernambuco – centro do Recife, eles revendiam os escravos a prazo, cobravam preços e juros elevados, às vezes, realizavam trocas de escravizadas por açúcar, aguardente e tabaco.

As Senhoras de engenho também frequentavam os mercados de tráfico de pessoas de origem africana, davam-se ao prazer de sugerir a escolha de quem deveria levar para a realização de infinitas tarefas nas Casas-Grandes, obviamente que, tudo ocorria na mais ínfima indiferença. Na hora de escolher entre os gêneros, a mulher mantida como escrava tinha um menor valor.

A origem das mercadorias ou “peças” - como eram chamadas as mulheres escravizadas, homens e crianças também. Quanto as mulheres, algumas características faziam com que seu preço fosse elevado, dependendo do lugar em que foram apreendidas. Assim, diziam que as mais bonitas mulheres, apreciadas e mais conformadas se originavam da Costa do Ouro. A seguir uma pintura mostra um armazém para vendas:

FIGURA 2 - Pintura de Debret: “ verdadeiro armazém onde os escravos são mantidos ao chegarem da África”



Fonte: BANDEIRA, Júlio Bandeira; LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil.** Obra completa 1816-1831. Rio de Janeiro: Capivara, 2007.

No mercado, as mulheres de Angola tinham a fama de serem hábeis trabalhadoras - pois, muitas vezes, o sexo feminino não era poupado do trabalho braçal nas lavouras e em outras áreas. Dessa maneira, as qualidades e os defeitos, eram analisados, tudo

ocorria conforme o lugar de nacionalidade, pois, as mulheres trazidas de Guiné, faziam os serviços domésticos com presteza; já as negras de Benguela e Cambida conseguiam resistir ao trabalho agrícola com firmeza; segundo os relatos, quem vinha de Moçambique tinha uma estrutura frágil, fracas e pouco inteligentes; eram consideradas ferozes e maus as mulheres que foram transportada do Gabão - por conta disso, chamar de gabão a alguém sem ser escravo do gabão era uma ofensa grande. Obviamente, as classificações não paravam, na escravatura se valorizava quem estava escravizado pelo fato de saber falar a língua portuguesa, denominava-se de boçais – aquelas que não conheciam o português; ladinhas - que falavam um pouco do português e crioulas - as filhas de escravas(os) com portugueses/brasileiros que dominavam bem a língua. Segundo Cotrim (1996, p. 78) disse que vieram negras(os) de diversas tribos africanas, os principais grupos foram:

Os Bantus das tribos negras do sul da África, geralmente Angola e Moçambique, foram levados principalmente para: Pernambuco e Rio de Janeiro, sendo os que mais se destacaram na arte da Capoeira.

Os Sudaneses das tribos negras de Daomé, Nigéria e Guiné, foram levados principalmente para a Bahia. Porém, se destacaram na prática de feitiçaria, os quais eram peritos. (COTRIM, 1996, p. 78).

Assim, Debret retratou essas lindas mulheres escravizadas no Brasil colonial:

FIGURA 3 - Escravas negras oriundas de diversas tribos africanas



Fonte: DEBRET. JEAN-BAPTISTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020.

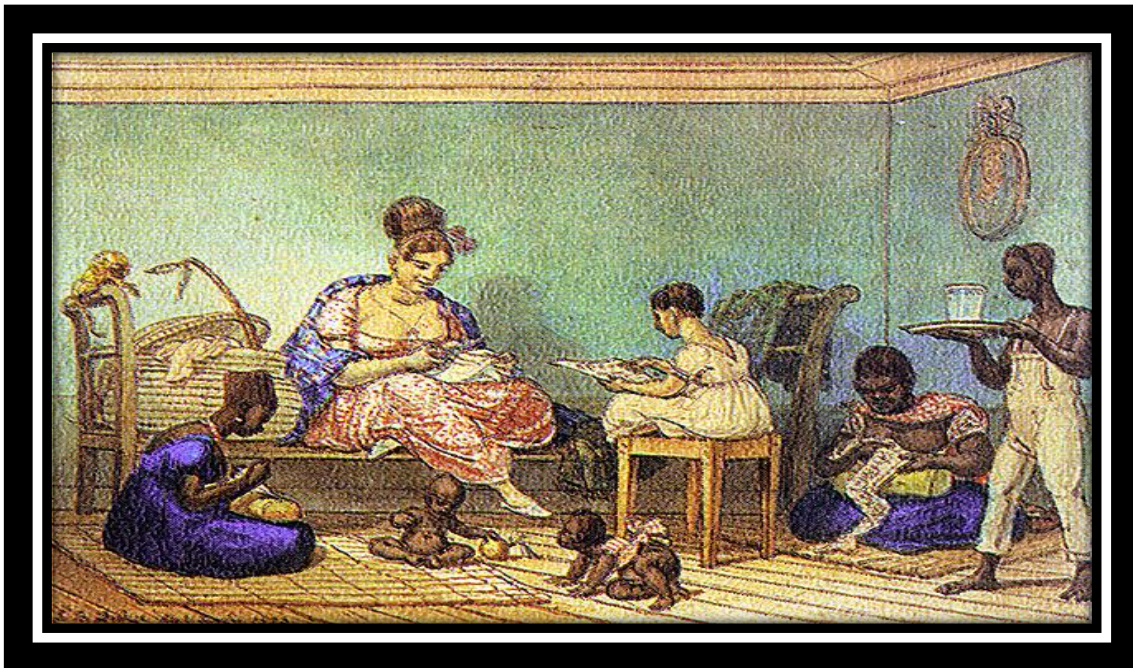
Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 22 de Jul. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Por esse viés, é correto afirmar que, a diversidade étnica foi de grande importância para a formação da população brasileira. Desde o processo colonizador até a independência e a república, passando por guerras e perseguições, a beleza feminina das africanas e suas descendentes chamaram a atenção da cobiça sexual do homem branco, agravada pelo machismo que sempre imperou no Brasil que até os frades e os padres se amancebavam, de acordo com Freyre (1998, p. 443), que relata:

No século XVI, com a exceção dos Jesuítas - donzelos intransigentes – padres e frades de ordens mais relapsas em grande número se amancebaram com índias e negras, os clérigos de Pernambuco e da Bahia escandalizaram o Padre Manoel da Nóbrega com esses comportamentos. Através dos séculos XVII e XVIII e grande parte do século XIX continuou o livre arregaçar de batinas para o desempenho de funções quase patriarcais, quando não para excessos de libertinagem com negras e mulatas. [...]. (FREYRE, 1988, p. 443).

Pelo que está escrito, naquela época na colônia portuguesa, a mulher não ocupava lugar de destaque, principalmente, a mulher negra, observe o exemplo da pintura de Debret abaixo:

FIGURA 4 - Uma Senhora de algumas posses em sua casa



Fonte: Uma senhora de algumas posses em sua casa. DEBRET. JEAN-BAPTISTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 22 de Jul. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

O poder patriarcal inventou o assédio do homem branco sobre a mulher negra, considerada desde a infância objeto sexual e responsabilizada pelos seus dotes físicos provocadores segundo Mott (1988). Ao engravidarem as escravas se preocupavam, sabiam que não poderiam dar a mesma atenção a seus filhos, teriam os filhos dos Senhores e Sinhás para tomarem conta, e quando ama de leite, eram alugadas por altos valores de acordo com Giacomini (1988; MOTTA, 1984; LEITE, 1999). Na sequência seguem fotos das amas de Leite:

FIGURA 5 - Retratos das Amas de Leite



Fonte: QUINTAS, Georgia. Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, pp. 11 a 44, abril de 2009. ISSN 1676-8965

As fotografias acima, permitem perceber que há uma afinidade entre a criança branca e a mulher negra, um paradoxo afetivo do sistema de escravidão, que é relatado por Quintas (2009, p. 12-13), dizendo que:

Na perspectiva da atitude social das relações interétnicas, a família patriarcal de Pernambuco (oriunda economicamente da monocultura da cana-de-açúcar) estabeleceu uma forte proximidade com seus escravos. É notável, através das imagens fotográficas, como pudemos constatar a partir de pesquisas realizadas no acervo iconográfico da Coleção Francisco Rodrigues (Fundação Joaquim Nabuco – Recife), o habitual registro de meninos brancos (filhos da aristocracia agrária) com suas respectivas amas-de-leite. O que mais impressiona nestes retratos é o

fato de que com eles é sugerida uma proximidade afetiva mútua, entre as escravas e as crianças. Cabe destacar que, nos retratos em que aparecem as verdadeiras mães brancas, é patente a ausência de demonstração de carinho. As mães se mantêm alheias aos filhos, se verifica um espaço vazio entre os retratados. A distância estabelece um estatuto simbólico de respeito e hierarquia. Em raras exceções, observa-se a candura explícita entre mães e filhos, sendo mais corriqueiros os retratos com meninos mais velhos do que com bebês. Estes também eram fotografados sozinhos - alguns sem roupa, outros vestidos-, colocados equilibrando-se em cadeiras ou deitados de bruço. Naquele tempo, as amas-de-leite correspondiam, de certo modo, até certa idade, ao sentimento maternal e afetivo. [...]. (QUINTAS, 2009, p. 12-13).

Além de tudo que ficou explícito, entre os senhores havia uma crença dominante no Brasil que dizia não ter nada mais eficiente para um sífilítico do que uma negrinha virgem e, para Freyre (1998, p. 50) aconteceu o seguinte:

[...] as relações dos senhores com as escravas negras - em circunstâncias desfavoráveis à mulher. Uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo da índia ou da negra terá predominado nas relações sexuais como nas sociais do europeu com as mulheres submetidas às reações de seu domínio. O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que sesaiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou negra. [...]. (FREYRE, 1998, p. 50).

Essas particularidades somente deixaram entender que as ideossincrasias referidas se manifestaram de forma profunda. Não aceitando essa situação é que Aquatune avó de Zumbi, uma princesa africana trazida para o Brasil como escrava, fuge e juntamente com Ganga Zumba e Ganga Zona tios de Zumbi, desenvolveram o Quilombo dos Palmares. Entretanto, quanto à família: casamento e divórcio, concubinato e prostituição, Wehling (1994, p.234), cita:

A escassez de mulheres brancas na colônia, o que foi um fato geral, até meados do século XVIII. Porém, os Jesuítas, no século XVI, estimavam, que isto favorecia o concubinato e as uniões múltiplas, chegando Manoel da Nóbrega a pedir o envio subsidiado de mulheres, mesmo de mau proceder. [...]. (WEHLING, 1994, p. 234).

Tudo isso, também acontecia com o objetivo de embranquecer o Brasil, pois, é interessante esclarecer que os estereótipos que foram criados para representar o racismo

contribuiu com a elaboração negativa que autodepreciaram e autodepreciam as negras, nessa linha de pensar Andrade (2001, p. 17), afirma:

Os estereótipos de feiúra, selvagem, malandragem, ignorante, incompetente, submisso/escravo, maldade, coisa ruim, vinculados nas piadas, músicas, anedotas, apelidos produzem o efeito de auto-rejeição na população negra e muitas destas pessoas acabam introjetando estas referências para si e para seus semelhantes, conforme os ditames racistas. [...]. (ANDRADE, 2001, p. 17)

Essas designações inequívocas faziam e, ainda fazem, com que as mulheres negras e, toda a população negra se tornaram seres passíveis de rejeição, às vezes, comparadas com outros dizeres mais pejorativos. Porém, os apelidos decrescente que escondiam a verdadeira razão da desvalorização da identidade étnica feminina estava situado na sociedade autoritária, a qual foi construída no Brasil. Nos séculos XVII e XVIII, pelo menos até 1750, o problema continuou em quase todas as capitanias, sempre motivado pelo fato de o imigrante português, em geral, encarava a colônia como local da realização de lucros, de prazeres e luxurias advindos das escravizadas, a maioria dos portugueses não tinham a pretensão de se fixarem na definitivamente. Segue um quadro de Debret retratando uma cena pitoresca:

FIGURA 6 - Pintura de Jean-Baptiste Debret



Fonte: DEBRET. JEAN-BAPTISTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 22 de Jul. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

A sociedade açucareira dividia-se essencialmente em 02 grupos sociais opostos: Senhores(as) e escravas(os), o poder político do Senhor de engenho tinha como base o seu poder econômico, que por sua vez era sustentado pelas(o)s escravas(os), pela exportação de açúcar e as grandes propriedades.

Debret retratou em sua pintura um momento familiar, fazendo uma breve leitura desse cenário, a desvalorização do humano e do social que a escravidão proporcionou deixou suas sequelas na maioria da população do território brasileiro. De acordo com Davis (2016, p. 35-36), acontecia o seguinte:

Vale repetir: as mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; eram socialmente iguais a eles no interior da comunidade escrava; e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que ele. Essa era uma das grandes ironias do sistema escravista: por meio da submissão das mulheres à exploração mais cruel possível, exploração esta que não fazia distinção de sexo, criavam-se as bases sobre as quais as mulheres negras não apenas formavam sua condição de igualdade em suas relações sociais, como também expressavam essa igualdade em atos de resistências. [...]. (DAVIS, 2016, p. 35-36).

Por fim, é nos dados referidos pela autora que, podemos entender os infortúnios que ainda persistem no século XXI entre as mulheres negras, Como: o estigma, a segregação, o sexismo e a sexualização da mulher negra continuam tendo presença marcante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maneira como o conceito de cor e raça foram impostos, quer seja, por si só, ou pelos ideais dos colonizadores, é óbvio, que garantiu a conveniência da hierarquização socioeconômica do Brasil. A precariedade da vida do segmento étnico feminino depois da abolição da escravidão é intensa, a continuação da subalternidade e do exercício de atividades domésticas na casa de brancos e ricos permaneceu por vários motivos, os quais são oriundos do período da escravidão, que deixaram às margens da educação todos os escravizados e seus descendentes, o que causou a discriminação das(os) negras(os) nos livros didáticos (SILVA, 1995, p.43; ANDRADE, 2001, p. 17-18, MUNANGA, 2001, p. 7-30).

As representações das mulheres brasileiras da etnia negra perpassam pelas ideias pejorativas que vigoraram e vigoram desde a época da escravidão e, que

consequentemente, adentrou entre os séculos. Por isso, é preciso relembrar o que Freyre (1988, p. 9-10) alega:

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com as mulheres de cor³ logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vistíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização [...]. Para tal processo preparara-os a íntima convivência, o intercuro social e sexual com raças de cor⁴, invasora ou vizinhas da Península[...].

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que **o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”⁵**, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da mulher preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos dengues, quindins e embelegos [...]. (FREYRE, 1988, P. 9-10).

Nas narrativas de Freyre alguns trechos chamam atenção, porque há ambiguidades, na apresentação das mulheres, pois, não só apresenta a mulher escravizada com uma visão de homem branco e sociólogo deixa transparecer a devalidação dos homens colonizadores contra o sexo feminino, principalmente, quando escreveu: **“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”⁶**, essa espécie de pensamento não só vigorou para os machistas da época colonial, se prolongou pelos séculos até agora. Os anos se passaram, contudo, a ideologia do machismo em relação as mulheres da população negra continuaram, prova disso, é que, as estatísticas atuais informam a situação das mulheres negras, pretas, pardas e afrodescendentes, que continuam solteiras, porque os homens na hora de escolher com quem irão casar, em sua grande parte, preferem as mulheres da etnia branca. Para melhor compreensão, segue um gráfico que mostra o estado civil das mulheres negras no país:

³ Grifos Nossos.

⁴ Grifos Nossos.

⁵ Grifos Nossos.

⁶ Grifos Nossos.

GRÁFICO 1 - Estado civil das Mulheres Negras no Brasil



Apesar de 53% das mulheres negras ficarem solteiras, esse panorama acontece por inúmeras causas e, na realidade tem relação com as ocorrências históricas do passado.

Outro ponto, destacado por Lopes et al. (2016, p. 325) é a gravidade da situação do analfabetismo entre as mulheres negras no Brasil, o que em pleno século XXI é muito preocupante. Já em relação ao campo de trabalho, elas recebem menor remuneração, apesar de dedicarem em média 18 horas semanais aos cuidados de pessoas - filhos, marido e os outros familiares, como os pais, além disso, têm os afazeres domésticos, isso, significa o dobro das horas de trabalho de um homem. Para Davis (2016, p. 225), os trabalhos domésticos são os que mais consomem o tempo da mulher:

Os incontáveis afazeres que, juntos, são conhecidos como “tarefas domésticas” - cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama, varrer o chão, ir às compras etc. -, ao que tudo indica, consomem em média, 3 mil a 4 mil horas do ano de uma dona de casa. [...]. Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas - esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza faz tarefas domésticas. [...]. Mas quantos desses homens se libertam da concepção de que as tarefas domésticas são “trabalho de mulher”? [...]. (DAVIS, 2016, p. 225).

A concepção da autora é apropriada, porque vários fatores contribuem para as diferenças entre homens e mulheres, prioritariamente, no mercado de trabalho, a faixa

salarial da mulher negra é muito menor, até mesmo, em relação as mulheres brancas. Como também as oportunidades na carreira são mais complexas devido a cor da pele. Outro fator que serve de alerta para o contingente de mulheres da população negra em todo o território brasileiro é a violência, nesse sentido, o risco de jovens negras serem vítimas de homicídio no Brasil em 2015, segundo informa o IBGE está para cada 100 mil habitantes em idade entre 15 aos 29 anos têm 7,8% maiores chances de serem violentadas, enquanto as jovens brancas na mesma faixa etária as chances chegam a 3,6%, isto significa que o risco é 2,19 vezes maior para as jovens negras.

Com isso, há uma perversa crueldade, que vai além do estupro, as marcas deixadas no corpo da vítima negra é uma gravidez indesejada.

O aborto também tem cor, pois as discriminações de gênero têm tons mais severos para as negras. Ainda de acordo com as informações do IBGE, o índice de abortos provocados é o dobro entre mulheres negras chegando em 3,5% e entre as mulheres brancas chega a 1,7%.

As estatísticas são agravantes em 2016, porque confirmam que uma mulher negra corria 2,5 vezes mais risco de morrer por causa de um aborto. Nesse mesmo ano, as mortes de mulheres negras em decorrência da gestação era equivalente a 5,3%. Um ponto que causa indignação é que, 22% das mulheres negra não tiveram acesso a anestesia durante o parto normal. Logo, as evidencias descritas, provocaram a redução das gestações de mulheres negras, veja o gráfico abaixo do IBGE:

GRÁFICO 2 - Taxa de Fecundação no Brasil entre mulheres pretas e pardas



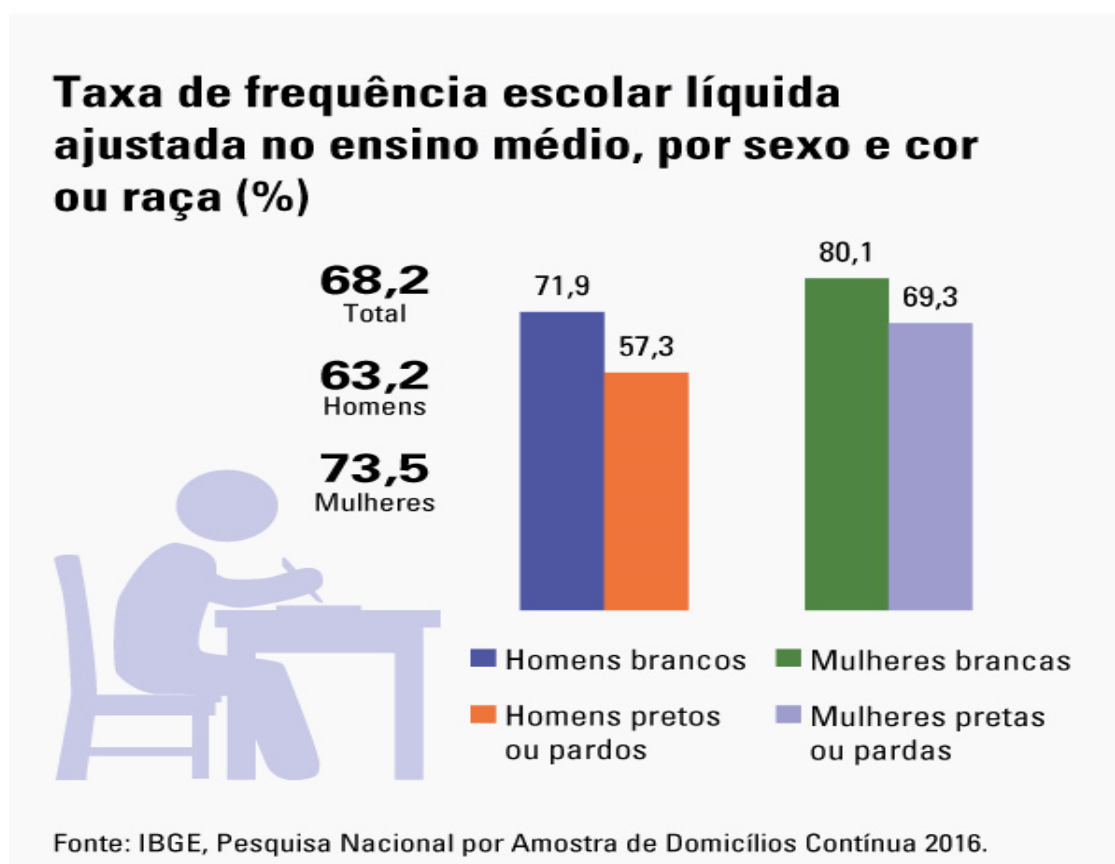
Fonte: IBGE - CENSO 2010

Na figura acima é possível visualizar que, a taxa de fecundação entre as mulheres negras e pardas a partir de 1980 foi decaindo, de 4,06% após 10(dez) anos, em 1990 ficou em 2,79%, depois, em 2000, passar 10(dez) estava em 2,39% e, nos anos de 2010, era 1,79%, assim, a cada dez anos as mulheres pretas e pardas não desenvolveram a maternidade.

Portanto, as alegações, severamente, se entrecruzam, e demonstram que existe uma ligação entre o passado da mulher negra escravizada que provocava o aborto para não verem suas filhas ou seus filhos passarem pelas mesmas condições que elas, e no presente, certamente, um processo similar tem se repetido, uma ação passada, a qual torna a acontecer, apesar de ter outras roupagens.

Outro ponto necessário, é a busca pela escolaridade é um dos motivos mais importantes nos últimos tempos na vida das mulheres, principalmente, quando se trata das gerações atuais de negras, pretas, pardas e afro-brasileiras, veja o que informa as estatísticas:

GRÁFICO 3 - Taxa de frequência escolar líquida ajustada no ensino médio, por sexo e cor ou raça



Os dados apresentados pelo IBGE no 2016, demonstraram que as mulheres pretas ou pardas tinham uma frequência de 69,3% no ensino médio. Essa escolarização é um comprovante da existência de uma maior consciência educacional, também é um princípio de confiança nas mudanças que só a educação pode trazer.

Em suma, a busca pela escolarização é uma das perspectivas que corrobora para a emancipação das mulheres descendentes da etnia negra no Brasil. As exposições dos dados indicam que, no Brasil os indicadores de raça versado nas estatísticas viabilizaram de certo modo, o conhecimento sobre a imensa desigualdade de gênero/cor existente no território brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa chegamos a seguinte conclusão, a classificação das mulheres trazidas como escravas para o Brasil, as quais construíram a nação que existe hoje, foram classificadas por denominações, como: negra, preta, parda, morena, mulata, afro-brasileira e afrodescendente. Desde o início do tráfico negreiro, as pessoas do sexo feminino que chegaram da África para o Brasil, tiveram que se submeter a inúmeros processo de desconstrução da identidade, segregação e clivagem. Para delinear a retrospectiva sobre a trajetória das mulheres de cor no período colonial Debret e Rugendas pintaram vários quadros que permitiram fazer uma relação com as interfaces dos ocorridos.

Ademais, ao analisarmos as documentações concluímos que, não há igualdade de direitos entre a mulher negra e a mulher branca, há sim, muito diferença, e enormes disparidades que contribuíram e contribuem para efetivar o descompasso das mulheres negras na sociedade em todas as áreas nos diversos períodos históricos as teias da identidade do segmento negro foram se fortalecendo. Ao reexaminar os argumentos é correto afirmar que os relacionamentos são conflituosos, contudo. Contudo as identidades femininas já não são mais as mesmas.

Nota-se não existir harmonia mais sim um conflito, que é a demonstração de que o racismo é recorrente, nada velado e com uma infinita negatividade para a mulher de cor, especificamente, as que são pobres.

A partir do empoderamento da mulher negra descendente que, nas trilhas e nos trajetos da sociedade brasileira em pleno século XXI, todavia, não conseguiu apagar com

o preconceito que causa indignação, quando interfere nas condições de alcançar educação, saúde e segurança, pois, as controvérsias e os entraves da condição de raça ou de classe se perpetua, causando estereótipos causados pelo próprio Estado. Os blocos de mulheres afros e as organizações negras persistem na resistência, embora não consigam extinguir o debate

Enfim, a intensão foi colaborar com reconhecer do modo de vida das mulheres que vieram trazidas como escravas da África e a sobrevivência dos detalhes culturais mantidos pelas novas gerações dentro das especificidades e das subjetividades da diversidade étnico-racial, que é uma possibilidade de enfrentar os desafios, frente as exigências da atualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas Flutuantes**. In Poesias completas. São Paulo: Ediouro, s.d.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Racismo e anti-racismo na literatura infanto-juvenil**. Recife: Etnia Produção Editorial, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Brasília, DF: IBGE, 2010.

_____. Instituto Nacional de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Brasília, DF: IBGE, 2016.

COTRIM Gilberto. **História e Consciência do Brasil**. Vol. 1, 1º grau, 10ª edição, São Paulo, Saraiva, 1996, p.143.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBRET. JEAN-BAPTISTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 22 de Jul. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

_____. JEAN-BAPTISTE. **Uma Senhora de algumas Posses em sua Casa**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>>. Acesso em: 22 de Jul. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. **Rugendas e o Brasil: Obra Completa**. Ed. Capivara: Rio de Janeiro, 2012.

FREYRE. **Casa – Grande & Senzala**. 34ª edição, Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e Escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1988.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Jornal Folha de Pernambuco. **A chegada da Escravidão**. Sessão de Sabores, Sábado/Domingo, 9 e 10 de junho de 2018.

LEITE, Miriam Moreira. (org). **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo, Hucitec/Fundação pró-memória, 1984.

LOBATO, Monteiro. **O Sítio do Picapau Amarelo**. 1ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1980.

MOTTA, José Flavio. **Corpos escravos vontades livres**. São Paulo: FAPESP/Anablume, 1999.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988.

MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

QUINTAS, Georgia. **Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, pp. 11 a 44, abril de 2009. ISSN 1676-8965.

RIBEIRO, Ana Maria Rodrigues em: **A Imagem e o Silêncio: o Lugar da Mulher Negra no Século XIX**. São Paulo: USP/FFLCH, Tese de Doutorado, p. 197-198.

ROMANELLI, Oliveira Otaíza de. **História da Educação no Brasil (1960-1973)**. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do Negro no Livro Didático**. CEAO/UFBa. Salvador, 1995.

TELLES, E. E. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: Mulheres Negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 1996, p.34.

WEHLING, Arno/ Wehling, Maria José C. De M. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

